



# *Presença*

Fundação Cuidar o Futuro



# Presença

M A R Ç O  
A B R I L  
1954 ★ N.º 3

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

## sumário



*La Vierge à midi*

*Recuperar*

*Stabat Mater . . .*

*A Oração*

*Fala de Santo Padre*

*Pausa*

*Para uma Comunidade Universitária Supranacional*

*Noticiário*

*Aqueles que vale a pena ler: Paul Claudel*

*Página de Antologia*

*Cultura Bíblica*

*Narco-análise e a liberdade*

*Ecos da Vida da J. U. C. F.*

*As lágrimas de Maria*

*Chemin de Croix*

Fundação Cuidar o Futuro

# .La Vierge à Midi

*Il est midi. Je vois l'église ouverte. Il faut entrer.  
Mère de Jésus-Christ, je ne viens pas prier.*

*Je n'ai rien à offrir et rien à demander.  
Je viens seulement, Mère, pour Vous regarder.*

*Vous regarder, pleurer de bonheur, savoir cela.  
Que je suis votre fils et que vous êtes là.*

*Rien que pour un moment pendant que tout s'arrête.  
Midi!*

*Être avec vous, Marie, en ce lieu où vous êtes.*

*Ne rien dire, regarder votre visage  
Laisser le cœur chanter dans son propre langage,  
Ne rien dire, mais seulement chanter parce qu'on a le cœur*

*[trop plein,*

*Comme le merle qui suit son idée en ces espaces de couplets*

*[soudains.*

*Parce que vous êtes belle, parce que vous êtes immaculée,  
La femme dans la grâce enfin restituée,*

*La criature dans son honneur premier et dans son épanouis-  
[sement final.*

*Telle qu'elle est sortie de Dieu au matin de sa splendeur ori-  
[ginale.*

PAUL CLAUDEL

# RECUPERAR



Existir — estar fora — é em certo sentido deixar de ser e, por isso, constante regressar. Pode mesmo definir-se o homem como aquele que a todo o momento se «descria» para voltar, vazio e nu, — à Plenitude.

Só neste estado de liberdade e pureza pode ser assumido pelo Infinito que só espera que ele consinta em não ser, para o assumir.

Há assim uma perda, que é verdadeira morte no domínio do ter.

Razão, vontade, sensibilidade, o ser todo inteiro, tende a unificar-se na medida em que se purifica e é por isso, que tem de sofrer aquela morte que é condição da verdadeira vida.

Já o diz o Evangelho: «Aquele que perder a sua alma (por causa do Senhor) salvá-la-á...» «Luc. 1-24».

Perda do finito e do limitado para ser posse do ilimitado. Perda que é a única condição de integração e o único meio de alcançar a plenitude. Perda que não é perda, mas recuperação. É este o ponto a considerar.

Numa época em que na Universidade se desfibra o homem, separando razão e fé;

Numa época em que se exalta o primado do irracional e da liberdade sem princípio;

Numa época em que o homem se considera Deus de si mesmo e portanto pleno;

Numa época assim tecida de suficiência, nós, os que acreditamos, os que nos reconhecemos como testemunhos vivos dum Outro que nos transcende, temos que consentir em nos perder para nos podermos encontrar.

E que é esta atitude, senão uma correspondência e uma resposta àquela outra atitude dum Deus, que todos os dias se oferece em estado de morte? Como recusar esta reciprocidade? Somos chamados a uma ascese, a uma purificação de todo o ser. Só por ela, poderemos renovar a Universidade, porque é a pureza do coração que redime a inteligência.

Pureza que unifica, pureza que exprime a perda de toda a suficiência. E é, assim, na medida em que nos não bastamos para nos explicarmos, na medida em que nos perdemos para nos recuperarmos, que levamos à Universidade a mensagem que ela espera, para não morrer de fome à beira da vida. Aquela mensagem que é a nossa vida feita presença. Aquela mensagem que é a nossa vida transfigurada pela graça, recuperada pelo amor.

M. L. G.

# STABAT MATER...

«De pé, junto à Cruz de Jesus, estava Sua Mãe...»  
S. João, XIX, 25

Com que emoção teremos tantas vezes meditado no sacrifício extraordinário daquela Mãe, que permanece erguida, serena e forte, aos pés da Cruz! Sacrifício grande de uma Mulher... o único verdadeiramente grande na história do mundo feminino. Sacrifício de algumas horas, de uns dias? — Não, sacrifício de uma vida, uma vida inteira de renúncia, de doação por Amor.

Senhora da Anunciação... No momento grandioso em que Maria pronunciava ao Anjo o seu «fiat», realizava-se, em toda a plenitude, a personalidade feminina: aceitação e sacrifício, doação e amor. Consciente daquele lugar único que Deus lhe reservava em Seus planos, desde a Eternidade, Maria aceita, submissa, a vontade divina para redenção do mundo.

Como Mulher, como realizadora do mistério do Amor, Nossa Senhora renova a oferta do Seu Ser e, porque não pertence a si mesma, renuncia-se, entrega-se numa doação perfeita, em sacrifício pela humanidade.

Desde essa hora, Maria começava a sua participação no Sacrifício da Cruz: o «fiat» era o seu livre consentimento para a consagração sacerdotal de Jesus. A vida que a esperava até à Oferta máxima do Calvário, seria um crescente de dor e de sacrifício...

Senhora da Purificação... Com o Menino e S. José, Maria entra no Templo. Humilde, num gesto largo de quem quer dar tudo, a Senhora oferece, consagra a Deus o seu Menino, que havia de crescer e de sofrer... E, nessa oferta pura, simbolizada em 2 rolas brancas, Nossa Senhora cedia os seus direitos de Mãe, recolhendo serenamente, no fundo da sua alma, a previsão trágica do justo Simeão: «uma espada de dor trespassará o teu coração...». E, nessa perspectiva, ia preparando a vítima redentora.

Mais tarde, quando procura, aflita, o Menino que julgava perdido e o encontra no templo, ouve de seu próprio Filho, a razão única do seu sacrifício de Mãe: «é preciso que me ocupe das coisas de meu Pai...».

Por isso, talvez, quando, anos passados, Jesus deixa o lar tranquilo

de Nazaré para iniciar a sua vida pública, a Senhora fica silenciosa — talvez no Seu íntimo ecoem ainda as palavras do Menino: «importa que me ocupe das coisas de meu Pai...». E, pelo silêncio, renuncia e sacrifica-se.

Senhora do Silêncio... Enquanto Jesus arrebatava as multidões com a Verdade da Sua palavra e a evidência dos Seus milagres, enquanto Jesus era gloriosamente aclamado e louvado pelas turbas, a Senhora permanecia silenciosa... Revelava, pelo silêncio, a essência do espírito feminino; na medida em que a Mulher desvenda, pelo amor, o mistério das coisas criadas e o penetra, aproximando-se do Criador a realizar os Seus desígnios, sente-se atraída pelo silêncio e não encontra outra linguagem para exprimir esse Amor, senão a do próprio silêncio... a sua presença torna-se, então, uma presença silenciosa...

Assim foi a de Nossa Senhora, até que a vamos encontrar, forte e humilde no cimo do Calvário.

Senhora da Redenção... Era o ponto culminante da sua vida de renúncia e de sacrifício; era a hora de rectificar, com firmeza, junto à Cruz, a aceitação da maternidade anunciada pelo Anjo.

Jesus oferecia ao Pai a Sua Paixão para salvação dos homens; Maria oferecia com Ele, a Sua maternal «compaixão», as suas próprias dores. Cristo imolava a carne; Maria, o espírito. A sua participação no sacrifício redentor tornava-se, assim, acção oblativa, pela qual, unida ao Senhor Jesus, O oferecia, quando Ele próprio se imolava sobre a Cruz.

A vítima que Filho e Mãe ofereciam a Deus era a mesma — só Maria podia dar ao Pai, **como Sua**, aquela hóstia imaculada. Assim também se fundiam os dois oferentes num só, não pela identidade de uma só oblação, mas por íntima comunhão de afectos.

A Senhora, «de pé, junto à Cruz», celebrava com seu Filho o Sacrifício da tarde, epílogo grandioso do Sacrifício de uma vida; e, num mesmo holocausto, obtinham um efeito comum: a salvação do mundo.

Enquanto nos preparamos, em meditação e ascese, para comemorar o mistério da Redenção, fixemos o nosso espírito na figura singular da Senhora da Cruz e, apreendendo o seu exemplo de Sacrifício e doação, saibamos transformar por ele a nossa vida...

...a nossa vida tão «cheia-de-nós», tão pouco submissa, tão pouco identificada com a vontade divina...



...a nossa vida pouco generosa, que só irradia intermitentemente, no comodismo das horas vagas, para não perturbar a «geometria» dos nossos planos — vida onde não tem lugar a renúncia nem o sacrifício e, por isso, não merece o nome de serviço...

...a nossa vida tão «sonrosa», às vezes tão cheia de palavras ocas, de ruídos, tão falha daquele silêncio que é o clima próprio para um verdadeiro encontro com Deus e com as outras almas...

...afinal, a nossa vida mediocrementemente «boazinha» afogada em imperfeições e incoerências!...

— Que a Senhora, neste ano de Bênçãos, nos faça compreender e viver a grandeza da sua vida e aferir por ela os nossos rumos. Que nos ajude a transpor o nível precário dos tíbios e dos «equilibristas», e a fentar, sem receio de vertigens, a aventura heróica das Alturas, que está reservada aos santos. A Senhora nos ajude a apaixonarmo-nos, cada vez mais, por Cristo, até à loucura da Cruz. E que as nossas vidas sejam, com mais verdade do que até hoje, testemunhos daquelas palavras que havemos de repetir, em 6.º feira de Paixão, à Virgem das Dores:

«Só quero estar convosco junto à Cruz e acompanhar o vosso pranto.»  
E isto sempre.

M. J. E.



## Fundação Cuidar o Futuro

### BIBLIOGRAFIA MARIAL

Neste ano de Nossa Senhora poderás esquecer que é o estudo aprofundado de Maria Santíssima, o melhor meio de chegares à Sua imitação como Mulher e Mãe?

Enriquece a tua biblioteca, e mais do que ela a tua alma, com, pelo menos, um dos seguintes livros:

- «Notre-Dame de Toute l'Année» — **Joseph e Charles Ledit.**
- «La Mère de Dieu près de la Croix» — **Dom Vandeur.**
- «Théologie de l'Apostolat» — **M. L. Y. Suenens.**
- «Le Rosaire de Notre-Dame» — **Romano Guardini.**
- «Marie dans le Dogme» — **Neubert.**
- «La Mère de Dieu» — **Terrien.**
- «La Rose et le Rosaire» — **Paul Claudel.**
- «Le vrai visage de Notre-Dame» — **Philipon.**
- «Le premier amour du monde» — **Mons. Fulton Sheen.**

# A ORAÇÃO



Não há vida cristã onde não há oração verdadeira. Mais: não há vida humana plena onde não há oração. Porque a oração, encontro do homem com Deus, é por isso mesmo encontro do homem consigo, descoberta do eu, inserção viva na realidade ontológica. É pela oração que o homem descobre Deus, e nessa descoberta se engloba todo o conhecimento e todo o amor das coisas criadas. Descobrimo Deus, alarga-se a sua compreensão do mundo, da vida, dos grandes e insondáveis mistérios dos seres; mergulha mais intimamente na realidade imensa da criação e entra em contacto com o Absoluto.

A oração é o sinal eficaz do amor a Deus. Criatura, consciente, o primeiro dever do homem é amar o Criador. E amá-lo acima de tudo. Mas o amor para se fortalecer precisa do conhecimento. Como podemos amar o que mal conhecemos? E como podemos conhecer sem contacto directo? A oração é a maneira mais óbvia de intensificar esse conhecimento que não é unicamente um conhecimento intelectual que pertence à vida natural mas transcende este, pois é um conhecimento baseado na fé.

Mas, na medida em que nos faz conhecer melhor a Deus, a oração revela-nos a nós próprios, centraliza-nos, unifica-nos. A nossa vida psicológica decorre em camadas sucessivas do eu que são impressionadas consoante o interesse das impressões que nos tocam. A vida de todos os dias — hábitos, ocupações, movimento, conversas — desenrola-se nas camadas exteriores do espírito. E só o que é verdadeiramente essencial — só aquilo que é susceptível de mudar por completo o sentido da nossa vida — se inscreve no núcleo da nossa personalidade. No plano natural do nosso equilíbrio psicológico, a oração não é mais do que a consciencialização dessa camada nuclear. Porque Deus é mais íntimo ao homem do que ele próprio onde a alma se encontra com Deus, também se encontrará consigo mesma.

É por isso que na vida agitada dos nossos dias a maior parte das pessoas nos dá uma estranha sensação de despersonalização ou de superficialidade. O homem perdeu o gosto da oração. Dispersa-se de tal modo que só as camadas exteriores da sua personalidade são impressionadas. O eu verdadeiro e autêntico permanece esquecido. E por isso o homem não convence o homem. Como pode um fantasma convencer outro fantasma?

E, no entanto, se fôssemos sinceros connosco; se realmente nos esforçássemos por compreender a Verdade que dizemos aceitar, a leitura da Escritura levar-nos-ia a sentir como um dado imperioso, como uma exigência forte da Revelação, a necessidade da oração. Não é só o Antigo Testamento, tão cheio dessa simplicidade serena e bela do justo que fre-

quentemente invoca Deus, mas o Novo Testamento que nos revela, na pessoa de Cristo e nas suas palavras, a necessidade da oração na construção do homem novo e na renovação da terra. Cristo é aquele que se retira para o monte a orar — e dizem os evangelistas que «enquanto orava o seu rosto se tornava outro». Cristo é aquele que precede a maior dádiva aos homens duma prece ao Pai.

E quando os discípulos o interrogam sobre o modo de rezar Ele dá-lhes o Pai Nosso. De todo o Evangelho, surge esta verdade: a oração não é unicamente um transbordar simples da alma em graça; não é unicamente a satisfação do homem que se encontra em Deus; é **fundamentalmente um dever** e como tal exige treino, domínio de si, persistência.

O primeiro fim da oração é sem dúvida a glória de Deus. É isso que Cristo ensina no Sermão da Montanha: «Procurai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça e o resto ser-vos-á dado por acréscimo». Na verdade, quando o homem procura o Reino de Deus seriamente, verdadeiramente, entra em comunhão com a fonte mesma da vida, insere-se na ordem universal, realiza-se.

Olhando para Deus, o homem toma consciência da realidade divina e ao mesmo tempo da sua pequenez humana. Daí, deriva a humildade, a serenidade na acção, a audácia na vida.

É ainda Maria, símbolo de toda a criatura, que nos indica a atitude essencial da alma em oração: «A minha alma engrandece ao Senhor». É o louvor da criatura ao Criador, é a abertura da alma ao sopro do Espírito, é a disponibilidade confiante. A alma clarifica-se e numa tentativa de unidade insere-se no concerto universal das criaturas que cantam: «Santo, Santo, Santo, é o Senhor, Deus dos exércitos». Mas logo a seguir, porque essa disponibilidade é real e tende a concretizar-se, vem a pergunta clara do discípulo: «Senhor que quereis que eu faça?».

É esta com certeza a forma mais bela de oração, porque é a mais desinteressada, a que é unicamente tradução de amor. Mas a oração não é só louvor; é prece também, prece que Deus escuta. Ele próprio o disse: «Pedi e dar-se-vos-á; batei e abrir-se-vos-á». E, por isso, nós podemos levar para a oração toda a nossa vida e podemos (e devemos) levar todos os outros: os amigos, a família, as instituições de que fazemos parte, a Igreja. E podemos pedir ao Pai, como Cristo na última ceia: «Santifica-os na verdade».

Mas a oração é imensamente difícil. Precisamente porque é uma atitude sobrenatural, exige que se ultrapasse o plano do natural. Mas supõe, é claro, o natural. E são duas as condições essenciais da alma para a oração. **Para orar, é preciso querer. E depois, é preciso fazer silêncio.** A vontade persistente e o silêncio interior são indispensáveis à verdadeira oração. Encontramos muitas pessoas que, em momentos de aflicção (doenças, exames, etc.), se lembram de que Deus existe e é Pai. E, então, rezam. Outras (mas em muito menor número), em face de qualquer coisa de grande ou de belo, são capazes de dizer: «Obrigado, meu Deus!». E, para a

maioria, a oração resume-se nisso: a atitude espontânea da alma em face de Deus, determinada por uma nota alegre ou triste na vida. Ora a oração é a tradução da vida de Fé. E esta vida, a vida do homem novo, não surge em nós com a mesma espontaneidade da vida natural. Esta resulta directamente do sensível e objectiva-se facilmente no sensível. Mas a vida de Fé mergulha nas profundidades do espírito; depende especialmente de uma adesão da inteligência e da vontade iluminadas e fortalecidas pela graça. Por isso, a oração autêntica domina a vida e se exercita nos dias alegres e nos dias tristes; nos dias iguais e sem nome; a oração autêntica é aquela que procura Deus persistentemente, sem desfalecimentos; é aquela que não resulta unicamente de certo sentimentalismo fácil nem de elemental necessidade de apoio moral; exercita-se continuamente na disciplina da vontade.

É indispensável ainda, à verdadeira oração, o recolhimento: sacudir todas as preocupações, vencer a agitação, fazer parar o tempo, pôr de lado tudo o que não tenha lugar na oração e abrir as portas só a Deus. A agitação da vida leva-nos, muitas vezes, a tomar como essencial o fim que se procura, e essa agitação é, por vezes, tão intensa que só a mudança satisfaz o homem.

E fazer silêncio é, ainda, deixarmo-nos penetrar do sentido do sagrado que é essencial à verdadeira oração. Rezar não é só pensar. Usa-se a inteligência, mas num domínio que naturalmente não é o seu e que a transcende. Entra-se em comunhão com a fonte da vida, com a Verdade, com o Amor. E a consciência dessa comunhão é incompatível com as distrações consentidas, com as fórmulas sem alma.

Porque é difícil, a oração surge-nos rodeada de turbação. A mais vulgar vem com o pretexto de que em primeiro lugar está a obrigação ou que se tem muito trabalho ou que o cansaço é muito grande. Em certos casos excepcionais, tais argumentos podem ser objectivamente reais e permitem assim que se não dedique à oração tantos minutos como habitualmente se faz. Normalmente, porém, enganamo-nos a nós próprios. E tanto que, apesar da fadiga ou do trabalho, a conversa com uma amiga ou a leitura de um romance não são postas de lado.

Além desta dificuldade nossa, verificamos que é na obscuridade que geralmente encontramos Deus. A grande tentação quando rezamos é termos a desoladora impressão de estarmos sòzinhos no escuro, é de deixarmos a oração e pensarmos noutra coisa. Fatal erro, esse! Se deixarmos de rezar, acabamos por deixar de crer. E isto porque a vida humana é una e as leis psicológicas se mantêm, mesmo, na vida de oração. Suponhamos que, sendo, embora, muito amigas de alguém, nós, por qualquer razão, ficamos privadas da sua companhia ou, enquanto estamos com ela, pensamos em mil coisas, ou ainda nos desculpamos sempre do pouco tempo que lhe consagramos com os nossos múltiplos afazeres. Não é verdade que, a pouco e pouco, sentimos que a amizade vai perdendo calor? Não é verdade que começa a levantar-se entre nós um certo constrangimento



que parece culpar-nos de culpas que não temos? Não é verdade que a pouco e pouco, as relações afrouxam e tudo se perde no tempo?

A oração, conversa com Deus, segue, pela nossa parte, leis psicológicas análogas. Talvez, até, reforçadas, porque aqui não se trata mais de alguém visível e igual a nós, definido por coordenadas idênticas às nossas. Aqui, é alguém infinitamente superior a nós, alguém que é infinitamente santo, infinitamente grande, infinitamente justo. Alguém que se impõe e que é com maior força e maior densidade existencial do que todas as coisas criadas, porque verdadeiramente só d'Ele se pode dizer que é. Mas é, também, alguém que por essa mesma plenitude de ser, por essa mesma densidade ontológica, escapa terrivelmente à nossa fraca percepção do real. Por isso, mal O tocamos, e é sempre no claro-escuro da Fé que se nos revela. Mesmo quando parece fugir-nos, espera, todavia, a nossa colaboração. Colaboração dolorosa, difícil, mas a única que nos assegura realização. O «Fiat» é sempre a grande palavra que marca o homem com o sinal da Cruz.

Depois, há ainda as horas nuas, terrivelmente nuas do sofrimento. Momentos da vida, em que é humanamente impossível rezar; momentos, em que só sabemos ficar tristemente agarrados à cruz; momentos, em que nada se pode dizer, em que tudo (até a Verdade que nos explica) parece ruir. Erramos, então, desesperadamente no escuro. E perguntamos, uma e outra vez: «Senhor, Senhor por que me abandonaste?».

Oração imensa pode ser a nossa, então. Porque é oração em união com o Sacrifício de Cristo. E não nos preocupemos então com fórmulas exteriores. Digamos uma e muitas vezes (mesmo que tenhamos a sensação de estarmos diante de uma porta fechada): «Senhor, fuge-te em mim segundo a Vossa palavra».

Muitas vezes, o reconhecimento da nossa impureza e da nossa impotência leva-nos a uma atitude de falta de confiança em Deus.

O pensamento de que somos tão pecadores que não podemos unir-nos a Deus surge frequentemente como motivo de fuga à oração. Esquecemo-nos, então, de que o reconhecimento do erro é fundamental na renovação da vida. Todavia, nada vale, se nos lançar num pecado contra a Esperança. Esquecemo-nos de que Deus é a força imensa em que reside toda a possibilidade de renovação e que fora d'Ele não há salvação.

A oração aparece, ainda, em algumas ocasiões da vida, como um refúgio. Desiludido da vida, das pessoas, o homem desiste de se entender com os homens e volta-se para Deus. A maior parte das vezes é essa uma banalíssima fuga à caridade autêntica, causada pelo egoísmo e pelo orgulho. Pois, «como amarás a Deus que não vês, se não amas a teus irmãos a quem vês?».

M. L. P.

# FALA O SANTO PADRE

No passado mês de Janeiro falou Pio XII aos Congressistas da União Católica Italiana dos Professores de Escolas Médias. Desse discurso, em que profundamente se foca o problema da educação respigamos alguns passos.

Assim, diz o Santo Padre: — «Registam-se hoje com certeza grandes progressos de psicologia experimental, da medicina pedagógica; procurou-se, e não sem resultados felizes, avaliar a importância dos diversos elementos que condicionam a assimilação das matérias escolares pela memória e inteligência do discípulo, a começar pelos factores materiais, como a mobília, a iluminação, os vários tipos de livros, a composição das imagens e dos sons, até às condições intelectuais propriamente ditas, como os diversos centros de interesse, segundo as circunstâncias locais, a idade, e as associações da memória, que desenvolve uma educação adequada.

Seria indesculpável o professor moderno que não estivesse suficientemente ao corrente das obras que se produzem neste campo e sabemos que os vossos círculos didácticos se interessam por isto de modo particular.

**Insuficiência da técnica pedagógica** — Mas um mestre cristão não poderia satisfazer-se só com a técnica pedagógica; ele sabe pela fé e confirma-o amargamente a experiência, a importância que tem o pecado na vida do jovem; conhece igualmente o influxo da graça. Os pecados capitais não dependem por si da medicina. Então, com certeza, muitas vezes, razões de temperamento e de saúde na explicação da preguiça e doutros defeitos; mas há também e sempre o pecado original. É por isso que o educador cristão não pode dar-se por contente com deixar agir a natureza, ou simplesmente com favorecê-la, à guisa dum cultivador com os produtos da terra.

Ele corrige e eleva com a graça de Deus de que não deseja ser mais que um auxiliar. Ele combate as tendências inferiores e industria-se para fazer desabrochar as superiores; luta paciente mas firmemente contra os defeitos dos seus alunos e exercita-os nas virtudes; levanta-os das quedas e aperfeiçoa-os. Desta sorte, a educação cristã participa do mistério da Redenção e colabora nela com eficácia. É daqui que vem a grandeza da vossa obra, que não é destituída de alguma analogia com a obra do sacerdote.

Na sua mensagem do Natal, o Santo Padre, sem contudo condenar o progresso técnico, aponta-nos as tristes consequências de um «espírito técnico».



### Valor do progresso técnico:

«...A Igreja ama e favorece os progressos humanos. É inegável que o progresso técnico vem de Deus; pode e deve portanto conduzir a Deus. O crente admira as conquistas da técnica, serve-se delas para penetrar mais profundamente no conhecimento da criação e das forças da natureza que procura dominar com máquinas e instrumentos, a fim de reduzi-las ao serviço do homem e ao enriquecimento da vida terrena ao fazer isto sentese como arrastado a adorar o Dador daqueles bens que admira e utiliza, sabendo bem que o Filho eterno de Deus é o «primogênito de todas as criaturas, pois nele foram feitas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis» (Col. 1, 15-16).

Muito longe portanto de sentir-se inclinado a negar as maravilhas da técnica e o seu legítimo emprego, o crente encontra-se talvez, por conhecer esse progresso, mais disposto a dobrar o joelho diante do celeste Menino do presépio. Tem maior consciência da sua dívida de gratidão Àquele que é origem da inteligência e das coisas...».

### Perigos da técnica moderna:

«...Dá-se ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de autosuficiência, e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete a técnica moderna desenvolve em torno do homem contemporâneo, visão tão vasta que leva muitos a confundi-lo com o próprio infinito. Atribui-se-lhe, por consequência, uma autonomia impossível que por sua vez se transforma no pensar (e alguns, em errada concepção da vida e do mundo que se designa com o nome de «espírito técnico».

Mas este em que consiste exactamente? Em que se considera, como o mais alto valor humano e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; em que se colocam como fim, de preferência a todas as outras actividades humanas, os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da criatura e da felicidade terrena».

*«Ce n'est point à la pierre de choisir sa place. mais au Maître de l'oeuvre qui l'a choisie.»*

*Paul Claudel em «L'ANNONCE FAITE À MARIE»*

# PAUSA

Havia um homem que era pescador de estrelas.

Levantava-se no silêncio da noite, quando os ninhos dormiam e a floresta sonhava, vestida de sombra.

O eco dos seus passos, cruzado com o das ondas, acordava sem descanso os vales sonolentos, sem desejo de altura.

Foi tão forte uma vez o bater dos seus pés nas pedras dos caminhos, que uma pomba acordou e perguntou à mãe: «Mãe, quem vai a passar? Um fantasma ou um gigante?». E a velha pomba, habituada aos grandes voos, respondeu num sussurro de asa: «Um gigante, minha filha; anda na noite, a escalar a montanha para chegar ao céu».

A pomba pequenina, aconchegou-se mais no ninho macio e dormiu sem medo.

E o pescador de estrelas continuou a sua marcha solitária, na montanha dura, suspensa sobre o abismo.

Prendia-lhe a areia os pés doridos e ficava-lhe em ferida, a carne lassa.

Subia e caía, aqui e ali; e quanto mais se internava, mais longe ficava das estrelas e mais longa e escura se tornava a noite.

Mas o homem desafiava os ventos e o peso da terra porque sabia que era forte.

Pisava o chão e esmagava as ervas. Havia de vencer a distância, à força de tanto se esmagar...

...Mas as estrelas estavam cada vez mais longe na noite deserta, cada vez mais fina. E o homem adormeceu de cansaço no meio do caminho, mais perto dele e mais longe do céu...

Entretanto sonhava, a pomba pequenina. Ouvia passos na montanha, passos dum fantasma que se julgava gigante. E ela pousava de tília em tília e ia às vezes roçar o sol. Era leve, pequenina e branca; por isso voava tão alto.

Olhava a terra, dos cimos daquela altura e via o fantasma colado ao chão. Era grande demais para caber no Céu, porque no Céu só os pequeninos são gigantes...

...era já noite velha, quando a pomba acordou no ninho.

Calara-se na montanha, o eco de todos os passos. Ter-lhe-ia o gigante, roubado as asas?

E o pescador de estrelas sonhou também. Foi claridade o seu sonho.

Viu diante de si a montanha e no cimo da montanha o céu. E sentiu-se elevar; uma força o guiava, no vazio da noite.

Não sabia o caminho e não queria saber. Subia, subia a montanha dura.

Quanto menos fincava os pés no chão, mais o céu descia.



E quando de todo se esqueceu de ser gigante, encontrou estrelas a dormir, nas suas mãos cansadas...

...Descia sobre a montanha a luz de todos os dias. Mas o pescador, quando acordou, viu sobre a montanha a manhã do mundo; viu tudo novo, sobre a face da terra. Era menino.

Só a infância alcança as estrelas. «Se vos não fizerdes como meninos...».

M. L. G.

\* \* \*

## Para uma comunidade universitária supranacional

O estado de espírito do nosso tempo, em busca da paz mundial e do equilíbrio perdido, tornou-se como insensível a certas contradições fundamentais. Exprimindo-se por um vocabulário aparentemente idêntico, mas nitidamente divergente quanto à significação profunda das palavras, perdeu o poder de penetrar no âmago dos problemas; ora, essa tendência leva-o a conceder uma importância exagerada à aparência dos factos, não descobrindo, assim, o que, em tudo isso, é, muitas vezes, a própria negação daquilo que se pretende pôr em evidência.

Como todos os outros sectores da vida moderna, esta situação afecta igualmente a Universidade: as quase todas as discussões sobre a condição actual da comunidade universitária conduzem, inevitavelmente, à conclusão de que o espírito comunitário, já tão apagado mesmo no interior de cada Universidade, se torna, muitas vezes, ainda menos evidente no plano nacional.

Para esta lamentável situação, contribui muito essa vulgar atitude de satisfação pessoal — absolutamente imprópria da mentalidade universitária — que ergue, com frequência, um obstáculo intransponível a uma autêntica participação, ou comunidade de vida intelectual, mesmo no plano nacional. E assim, uma época, como a nossa, que se diz orgulhosa do seu desdém para com o isolacionismo, vê-o, todavia, exercer a sua influência nefasta, nas Universidades até de um mesmo país.

Mas, por vezes, no meio da confusão, do desacordo, da desunião — ou talvez, até, por causa disso — verifica-se um estranho paradoxo: apesar de tudo, julgamos ver a afirmação da existência, em nossos dias, de uma comunidade universitária supranacional. Um simples golpe de vista parece confirmá-lo: de facto, todos os anos, por todo o mundo se reúne uma multidão de organizações intelectuais — profissionais e estudantis — de todos os géneros; aliás, processos modernos facilitam, hoje, um maior

intercâmbio cultural entre instituições e indivíduos dos vários países, das mais diversas línguas.

No entanto, nada disso, por si só, pode criar o espírito de comunidade autêntica — precisamente como não foi também o simples emprego universal do latim que fez nascer esse espírito na Universidade medieval. Nem apenas o vestuário tradicional de mestres e alunos, ou as revoluções escolares, ou até mesmo a preponderância de certas disciplinas estudadas, foram, então, os seus factores essenciais. **O espírito comunitário, que lhe dava prestígio, tinha origem, especialmente, nos ideais comuns que conferiam ao ambiente intelectual, que a Universidade medieval incarnava, a sua plena significação.** Assim, podemos dizer que ela teria, de certo, realizado a sua missão, mesmo que tivesse sido privada desse valioso instrumento que era a unidade de linguagem — e isto, **porque a Universidade estava impregnada, como todo o mundo medieval, de uma ânsia de Verdade, cuja busca era o dever comum de todos os intelectuais.** Aí, residia o fundamento da sua unidade — e foi isso, precisamente, o que o mundo universitário contemporâneo perdeu.

Não serão, pois, unicamente, as reuniões ou o intercâmbio de estudantes que remediarão o actual estado de coisas. E é, apenas, isto que nós, presentemente, temos tomado por uma comunidade universitária supranacional. Mas essas reuniões, esse intercâmbio — proveitosos, sem dúvida — quando muito, podem **dar a aparência** de que existe uma tal comunidade. Se os observarmos objectivamente, põem, com clareza, em evidência quanto estamos, hoje, afastados dessa vinculação a um **ideal comum.**

A multiplicação desses intercâmbios, tais como se realizam, não é, aliás, mais do que um índice da sua fraqueza fundamental: representa uma tentativa fútil para construir, num plano superior, uma faculdade que não repousa, afinal, em bases sólidas. De facto, sem comunidade universitária realizada nos planos local e nacional, uma comunidade universitária supranacional é irrealizável. Numa época, como a nossa, que tende para as soluções fáceis, devemos, pois, evitar aceitar tudo o que não constitui, **de facto**, mas apenas na aparência, a realização autêntica desse ideal de comunidade.

O grande número de organizações actualmente existentes é, no entanto, a melhor expressão de uma necessidade de compensação, motivada por essa ausência de verdadeiro espírito comunitário na Universidade. Vistas sob este aspecto, elas podem, assim, tomar-se como sinais de esperança de uma nova tendência, até agora mal orientada, que sofre, ainda, os efeitos causados, nas Universidades, pelo longo predomínio dos nacionalismos. Não há dúvida, pois, de que o ressurgimento de um tal espírito de comunidade é desejado; o mais difícil será transformá-lo numa realidade e fazê-lo aceitar, verdadeiramente, pelas Universidades.

A longa tradição estabelecida, desde o declínio da Universidade medieval, complica a tarefa. Mas, como um vivo desejo de renovação se vai



tornando, hoje, evidente no interior do mundo universitário —, não podemos limitar-nos a ficar em lamentações. **Devemos, quanto antes, trabalhar por fazer reviver o ideal comum, mostrando que, onde tal espírito não existe, não há verdadeira Universidade.** Eis o problema fundamental, que não pode ser resolvido, por exemplo, pela introdução de cursos especiais, teoricamente destinados a formar «cidadãos do mundo». A solução deve ser encontrada por todas as Universidades, partindo de uma análise, consciente e pormenorizada, da **ideia de Universidade** (aliás, não esqueçamos que foi esse um dos objectivos fundamentais que a realização do nosso Congresso teve em vista).

Diz T. S. Eliot que o mais importante será que todas as Universidades se dediquem a uma mesma tarefa: a de cultivar o espírito pelo ensino da sabedoria universal; ligadas a este compromisso, elas deverão ter em comum certos ideais, por cuja defesa todas hão-de trabalhar.

Temos necessidade de uma lealdade absoluta, no ambiente das Universidades de hoje, assim como temos de convencer-nos de que elas não serão dignas da sua missão, enquanto não cultivarem, também, como virtudes essenciais, a humildade e a sinceridade.

Como dissemos, nas Universidades actuais temos urgente necessidade de uma nova proclamação dos ideais comuns esquecidos; notemos, mesmo, que a ausência deste espírito tem enfraquecido as Universidades até como instituições independentes. De facto, esta incerteza acerca da sua própria razão de ser, arrasta, muitas vezes, as instituições universitárias ao serviço de ideologias que, assim, mais facilmente têm podido utilizá-las com vista à realização dos seus fins particulares. Evidentemente, esta circunstância tem sido grave obstáculo à tarefa de conquista metódica e desinteressada da Verdade e do autêntico conhecimento que é característica do espírito científico bem orientado, que a Universidade deve realizar.

A perversão da Universidade mede-se, pois, em grande parte, pela sua renúncia ao espírito universalista e pela sua demasiada identificação com egoísmos, que podem levá-la a uma visão deformada, unilateral, da realidade: portanto, a um desvio do caminho recto da Verdade. (Acentue-se que não importa demasiado, no entanto, que, nos métodos e nos aspectos de pormenor, todos estejamos sempre de acordo uns com os outros; essencial para uma restauração da vida de comunidade é, precisamente, esse espírito de compreensão mútua que há-de trazer consigo um respeito recíproco, que muito nos ajudará na realização do ideal comum).

Evidentemente, não podemos realizar toda esta tarefa de um dia para o outro. Mas temos de começar, pelo menos, desde já, a suscitar um movimento no ambiente das Universidades e daqueles que se dedicam ao seu serviço — movimento que terá como fim conduzir à análise, tão necessária, de que se falou. Entre os muitos problemas que haverá a examinar, teremos, por exemplo, a revisão minuciosa dos programas dos estudos universitários, no sentido de se tornarem verdadeiros repositórios de saber universal; o problema da equivalência dos diplomas conferidos

pelas instituições universitárias dos diversos países; o problema das condições gerais a requerer para o acesso às Universidades; etc.

Para realizar, hoje, o retorno à verdadeira Universidade, sabemos que é imperioso que se desenvolvam os encontros internacionais. Mas também é indispensável que eles não sejam, apenas, simples reuniões de sociedade, sem nenhum valor para ajudar a fomentar esse espírito de autêntica comunidade universitária. Esses encontros terão de tornar mais claras as ideias; terão de alargar as concepções dos que neles participam; terão de ajudar a suscitar inúmeras preocupações de carácter intelectual. Acima de tudo, eles deverão dar um testemunho de unidade, por forma tão convincente, que os seus participantes regressem aos seus países, não apenas com a recordação agradável de dias bem passados, mas possuídos de um zelo que os levará a trabalhar com entusiasmo pela criação de um verdadeiro espírito ecuménico, orientado no melhor sentido, no seio das suas Universidades.

Com tudo o que fica dito, não buscamos atingir uma uniformidade estéril, que poderia, até, arrastar consigo a destruição; nem pretendemos fazer reviver, em todos os seus aspectos, sem as indispensáveis adaptações ao condicionalismo da nossa época, a Universidade dos tempos medievais. O que defendemos, aqui, é o retorno a esse espírito que lhe é essencial — fonte da sua eficiência e do seu prestígio — e que é capaz de libertar a Universidade dos nossos dias das ideias banais que a despojaram do seu antigo esplendor e que conseguiram perverter o seu carácter tão vincadamente universal.

(De um artigo do jornal «Pax Romana» — Nov. de 1953)

Fundação Cuidar o Futuro

(Adapt. por M. C. C. V. S.)



*«Crois-tu que la joie soit une chose qu'on donne et qu'on retrouve telle quelle?*

*Celle que tu me donnes, c'est sur le visage des autres que tu la verras.»*

*Paul Claudel em «LE SOULIER DE SATIN»*

# NOTICIÁRIO

A «Fédération Française des Étudiants Catholiques» convidou a J. U. C. F. a participar no seu XXXI Congresso Nacional, realizado em Nantes, de 27 de Fevereiro a 2 de Março. Sob o tema geral «Trabalho e Redenção», o Congresso propôs-se tratar problemas de grande interesse e actualidade, tais como: «O trabalho no mundo de hoje»; «Cultura operária e cultura universitária»; «O destino do estudante no mundo de amanhã»; «Mística do trabalho e suas mistificações»; «A exigência de pobreza».

Oxalá tenha sido coroada do melhor êxito, esta oportuna iniciativa da F. F. E. C.

\*

Conforme já havíamos noticiado, o Secretariado Geral da «Pax Romana» — M. I. E. C. vai promover a realização de uma «Semana de Estudos Litúrgicos», que terá lugar em Viena de Áustria, de 2 a 6 do próximo mês de Abril e de cujo programa podemos dar agora notícia mais detalhada. Assim, além de uma série de exercícios práticos — canto coral, preparação quotidiana da Missa, canto de Completas com os monges — serão analisados e discutidos, no decorrer dos trabalhos da «Semana», os seguintes temas: «Liturgia e Igreja»; «Formação litúrgica»; «A Santa Missa»; «O lugar do Culto»; «O tempo santificado»; «Piedade pessoal e litúrgica»; «Balanço e futuro da renovação litúrgica»; «Liturgia e comunidade universitária»; «Testemunhos dos diferentes países acerca da preparação da comunidade universitária para a vida litúrgica».

\*

No Luxemburgo, vai realizar-se, de 21 a 24 de Abril, uma Semana de Estudo Político promovida por «Pax Romana» e consagrada ao tema «A responsabilidade política do cristão». Este encontro de estudantes e intelectuais terá carácter especializado, pelo que apenas se destina a reduzido número de participantes, que sejam peritos no assunto, os quais serão individualmente convidados pelos Secretariados Gerais do M. I. I. C. e do M. I. E. C., sob proposta das respectivas Federações.

O tema geral dos trabalhos será desdobrado em vários tópicos, analisando a **Natureza da Política, Cristianismo e Política, Relações entre a Igreja e o Estado, O que é um partido político, A atitude concreta dos universitários perante as questões políticas, etc.**

\*

Escreve-nos o novo Responsável do Subsecretariado Internacional de Engenharia do M. I. E. C., manifestando o desejo de estabelecer um maior contacto com a nossa Federação, contacto que poderá ser mais contínuo e efectivo através de grupos de estudo, que porventura venham a formar-se entre nós. Além disso, participa-nos que se realizará este ano, em Delft (Holanda), de 22 a 25 de Julho, um Congresso Internacional dos Engenheiros Católicos, em que poderão participar também estudantes da

especialidade; e sugere que poderá aproveitar-se a oportunidade para um Encontro de estudantes, versando o tema «Função social do Engenheiro», que decorrerá, possivelmente, em Amsterdão, nos quatro dias que antecedem o referido Congresso.

\*

Portugal irá de novo, como há três anos, sentir mais directamente a presença viva de «Pax Romana»: desta vez, trata-se do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos (M. I. I. C.), que virá realizar entre nós, em Agosto deste ano, os trabalhos da sua VIII Assembleia Plenária, conforme foi resolvido na reunião do «Comité» de «Pax Romana», efectuada em princípios do passado mês de Janeiro. Acerca deste acontecimento, a que tem de ser dado todo o relevo que merece, oportunamente forneceremos mais pormenores.

\*

### A J. U. C. F. e as Federações exiladas — Notícias dos Lituanos

Da Associação dos Estudantes Católicos Lituanos, exilada, actualmente, nos Estados Unidos, recebemos notícias que nos dão conta da actividade que aquela Federação vai desenvolvendo, no sentido de manter viva e operante a acção dos seus membros, apesar da situação precária que lhes confere a sua condição de refugiados. Assim, eles falam-nos do seu Boletim mensal — que já tem inserido, nas suas colunas, notícias da nossa J. U. C. F. — falam-nos também acerca da sua última Assembleia anual, que se realizou com êxito em Kennebunk Port, Maine, no Mosteiro dos Padres Franciscanos Lituanos. Referem-se, ainda, aos seus projectos, entre os quais se conta o aproveitamento de alguns fins de semana em estudos de interesse para a vida da sua Federação: especialmente, análise e discussão de problemas culturais que os estudantes no exílio tem de enfrentar. Dois desses encontros devem ter-se realizado já, durante as últimas férias de Natal, em New York e Chicago.

Os nossos colegas lituanos, que, por sua vez, estão também ao corrente das nossas actividades jucistas, manifestam-nos a sua alegria pelo êxito do nosso Congresso e mostram-se muito interessados por tudo o que sabem que se passa entre nós, que dizem, até, constituir estímulo para o aperfeiçoamento das suas próprias actividades.

Eis aqui um flagrante exemplo de interesse mútuo, de verdadeira compreensão, reflexo evidente desse admirável espírito de comunidade que «Pax Romana» se propôs criar entre os intelectuais das mais diversas línguas e nações, e que, de facto, só através da acção persistente de «Pax Romana» tem conseguido concretizar-se.

E eis, também, como todos podemos sentir ainda, no agitado mundo dos nossos dias — tão trágicamente retalhado e massacrado por guerras e ódios funestos — como é e há-de ser sempre viva a força que nos une, cimentada no Sangue redentor que dá vida a essa Comunidade que se chama Corpo Místico — porque a Cabeça desse Corpo é, afinal, o própria Autor da Vida.



## PAUL CLAUDEL

*NOTA BIOGRÁFICA:* Nascido a 6 de Agosto de 1868, em Ville-neuve-sur-Fère-en-Tardenais, seguiu a carreira diplomática tendo representado a França sucessivamente em Boston, Xangai, Pekin, Tien-Tsin, Praga, Hamburgo, Roma, Rio de Janeiro, Copenhague, Tóquio, Washington e Bruxelas.

Recuperando a fé aos 18 anos, Paul Claudel desenvolve desde então uma extraordinária actividade intelectual, concretizada numa gigantesca obra lírica, dramática, ensaística, epistolar, impregnada de um profundo acento religioso.

Ultimamente, Paul Claudel tem-se dedicado a trabalhos, de exegese bíblica.

A obra vastíssima de Paul Claudel impossibilita-nos de tentar nestas páginas outra coisa que não seja um estudo parcial, incidindo apenas sobre o seu teatro. Debruçar-nos-emos um pouco mais espaçadamente sobre «L'Annonce faite à Marie», uma das mais belas e representativas de entre as suas obras dramáticas, desenvolvimento de uma outra — «La Jeune-Fille Violaine» — e que Paul Claudel escreveu à maneira dos mistérios medievais.

Teatro em prola, se nos detivermos apenas na forma exterior, verdadeira poesia de inspiração religiosa no seu conteúdo, «L'Annonce faite à Marie» desenrola perante os nossos olhos a história de Violaine, a toda-pura, que, contaminada pela lepra, caluniada pelos seus, abandonada por aquele a quem se prometera, o Senhor transforma em instrumento dos Seus prodígios, ao restituir à vida uma criança que durante toda a vigília do Natal conservara em seus braços.

Falando uma linguagem antiquada a que o sabor e certos mistérios bíblicos não são estranhos, os personagens de «L'Annonce faite à Marie» têm simultaneamente a beleza hierática e a simplicidade dos símbolos: três de entre eles, especialmente, parecem sobrelevar-se aos restantes — Violaine, Anne Vercors o pai, e Pierre de Craon o leproso por quem Violaine é contagiada. A primeira surge-nos como a própria Pureza que é salvaguarda de si mesma e sinal sensível da presença divina, mas que presume demasiado na própria fortaleza.

Violaine, maculada no corpo, por um mal que lhe não atingiu a alma, muito embora; Violaine que se deixa contaminar porque foi temerária a sua pureza, e correu ao encontro do perigo incarnado naquele que a amava sem altura, Pierre de Craon.

Este, porém, sabe resgatar o seu amor: libertado do mal físico e da culpa, Pierre cresce em graça. O amor purificado transcende-se e realiza-se no pleno desabrochar da sua missão particular de Arte e de Beleza ao serviço do Divino Artista.

Quanto a Anne Vercors, o patriarca rural, não fosse ele uma figura igualmente simbólica, e poderíamos discordar do abandono a que vota os seus deveres familiares e sociais em troca do sofrimento alheio que por graça de Deus lhe foi poupado, (recorde-se, por exemplo, o erro de fundo que muitos notaram no filme «Europa 51») mas não ficaria por isso menos bela e carregada de sentido a sua alma ansiosa de se dar aos outros, atormentada pela miséria do mundo, a alma do justo a quem o bem-estar moral e material pesa como um remorso.

A mãe, baça e maneável; Mara, a trigueira de corpo e de alma; o versátil Jacques Hury, não existem senão como sombras que melhor valorizam o esplendor da luz. Por isso, os momentos mais altos do drama se situam nas cenas de despedida entre Jacques e Violaine — o rompimento dos esponsais e a morte.

Claudiel refundiu todo o IV Acto, tornando-o mais adaptável à realização cénica. Consequentemente o remate da peça perdeu em vibração poética quanto viria a ganhar em verosimilhança, tornando-se tudo excessivamente explicado e nítido, até o próprio título.

Contudo, a peça traz-nos, sem dúvida alguma, a grande mensagem de pureza interior e de vocação que ressalta igualmente dos dramas «L'Otage», «Le Pain dur», e em «Le Soulier de Satin», reputada a obra-prima de Claudel, mistura estranha de sátira e de drama, de lírico e de grotesco, algo de inovador, perturbantemente inovador no género.

Seja qual for, porém, a temática escolhida ou o momento histórico em que se desenrole a acção — mistério medieval, episódio bíblico, drama pungente na França imperial, quadros da epopeia espanhola seiscentista — como leit-motif, obsessão constante, Paul Claudel modula o apelo de Deus, a imperiosa correspondência da criatura insubstituível no plano divino. E de modo particular, da Mulher, vibrante da potencialidade criadora do seu «fiat».

Porque é ela sempre quem se dá em resposta, quer seu nome seja Violaine e troque voluntariamente o destino de noiva pura e feliz pelo de leprosa e escorraçada, quer se chame Sygne de Coüfontaine e despedace o juramento que a liga à terra e à honra dos seus para salvação do Pai da Cristandade.

Mas há ainda Prouhèze que escolhe o exílio para que plenamente se realize a vocação do homem amado; Musique, a que vem de longes terras ao encontro daquele que o mistério do Céu lhe destina; e Lumir, a exaltada nacionalista, perdido o sentido dos valores divino e humano, instigadora do crime, mas mostrando ainda assim fidelidade à missão que lhe coube de corredentora de um povo; e Marie-des-Sept-Epées a apóstola de infiéis...

(Continua na pág. 25)



«...Je tends les mains de toutes parts à ces peuples qui ne sont pas encore,

Qu'ils sentent ma chair avec leur chair et dans leur âme mon âme qui ne fait aucun reproche à Dieu mais qui dit violemment Alleluia et merci!

Qu'importe le désordre, et la douleur d'aujourd'hui puis qu'elle est le commencement d'autre chose, puisque

Demain existe, puisque la vie continue, cette démolition avec nous des immenses réserves de la création.

Puisque la main de Dieu n'a pas cessé son mouvement qui écrit avec nous sur l'éternité en lignes courtes ou longues,

Jusqu'aux virgules, jusqu'au point le plus imperceptible, Ce livre qui n'aura son sens que quand il sera fini.»

Paul Claudel em «LE SOULIER DE SATIN»

«Voici le soir! Aie pitié de toute homme, Seigneur, à ce moment qu'ayant fini sa tâche il se tient devant toi comme un enfant dont on examine les mains.

Les miennes sont quittes. J'ai fini ma journée. J'ai semé le blé et je l'ai moissonné, et dans ce pain que j'ai fait tous mes enfants ont communiqué.

À présent j'ai fini.

Tout à l'heure il y avait quelqu'un avec moi. Et maintenant la femme et l'enfant étant retirés,

Je reste seul pour dire grâces devant la table desservie,

Toutes deux sont mortes, mais moi je vis, sur le seuil de la mort et une joie inexplicable est en moi!».

Paul Claudel em «L'ANNONCE FAITE À MARIE»

— «Est-ce que le but de la vie est de vivre, est-ce que les pieds des enfants de Dieu sont attachés à cette terre misérable?

Il n'est pas de vivre, mais de mourir, et non point de charpenter la croix mais d'y monter, et de donner ce que nous avons en riant!

Là est la joie, là est la liberté, là la grâce, là la jeunesse éternelle! et vive Dieu si le sang du vieillard sur la nappe du sacrifice près de celui du jeune homme

Ne fait pas une tache aussi rouge, aussi fraîche que celui de l'agneau d'un seul an!

Paul Claudel em «L'ANNONCE FAITE À MARIE»

# HISTÓRIA DE ISRAEL HISTÓRIA DO HOMEM

A História de Israel alinha-se segundo duas coordenadas: Deus e o homem.

Deus que **escolhe, procura e persegue.**

O homem que **rejeita, foge e esquece.**

Duas atitudes a estruturar todo um drama.

Assim, quanto a Deus, há: 1.º — **uma escolha.**

Da multidão dos seres criados e possíveis, o Senhor escolheu o homem para lhe comunicar a Sua Vida.

Da multidão dos povos, escolheu Israel, para lhe confiar a Sua Mensagem.

2.º — No momento da queda, Deus **procura** o homem e promete-lhe o Salvador.

No meio da idolatria ambiente, **procura** Israel e fá-lo depositário da grande Promessa.

3.º — Deus **persegue** o homem, a ponto de se fazer Aliança de Deus e do homem.

Deus **persegue** Israel e firma com ele uma Aliança.

Por outro lado, quanto ao homem: 1.º — em vez da aceitação de Deus, a procura de si mesmo e dos seres criados.

Em vez da fidelidade a Jahweh, Israel sonha com um reino humano e material.

2.º — O homem desvia-se de Deus e cai no pecado.

3.º — O homem esquece Deus e sofre o exílio.

Israel é infiel e purifica-se pelo desterro.

A história de Israel, a história do homem, a história da Humanidade. Mistério da fidelidade de Deus e da infidelidade do homem, da graça e do pecado.

Como se desenha este drama nos Livros Históricos do Antigo Testamento?

Segundo várias linhas:

1.º — A ideia de escolha.

2.º — A ideia de queda.

3.º — A ideia de Promessa.

4.º — A ideia de Aliança.



- 5.º — A ideia de fidelidade.
- 6.º — A ideia de castigo e exílio.
- 7.º — A esperança da Terra Prometida.
- 8.º — A esperança do Messias Salvador.
- 9.º — A ideia de prova purificadora.
- 10.º — A ideia duma restauração messiânica.
- 11.º — A ideia mais definida dum reino espiritual, interior e universal.

É um longo caminho de regresso. Quais as etapas deste caminho, acusadas pelos Livros Históricos?

**O Livro de Josué** — cultiva em Israel a consciência de povo eleito, que vive da Promessa e da Aliança depois da queda.

E a Terra Prometida, onde Josué conduziu Israel, é a prefiguração do Céu.

**O Livro dos Juizes** — Acusa uma infidelidade de Israel, que se deixou encantar pelos deuses locais como Astarté, deusa da fecundidade e do amor. E, se Israel violou a Aliança, merece castigo; no entanto confia em que Deus não rejeitará o Seu Povo e lhe dará a salvação.

Ideia de infidelidade, de castigo e salvação.

**O Livro de Rut** — Acentua a esperança messiânica.

**O Livro de Samuel** — Esboça em David a figura do Messias.

**O Livro dos Reis** — Revela um período de perturbação e de prova purificadora.

Gemendo, Israel antevê que o reino prometido é um reino espiritual e interior.

**Nas Crônicas** — É Deus quem dirige o Seu Povo, o Deus Poderoso, Justo e Fiel. Em primeiro lugar, portanto, a glória de Deus, primeiro anúncio do culto em espírito e verdade.

**Os Livros de Esdras, Tobias, Judit** — Acentuam as esperanças messiânicas e a consciência da fidelidade de Deus ao Seu Povo.

**Nos Macabeus** — Israel é oprimido e, por isso, espera, mais ansiosamente, a restauração messiânica. Mais do que nunca, Israel confia na fidelidade do Seu Deus.

É toda a história da Salvação que se esboça nestes livros. Deus conduz o Seu Povo, apesar de todas as quedas, à posse do Messias. E n'Ele, tudo se realiza e se completa. Ele Mesmo é a Promessa. Ele Mesmo é a Aliança.

**Ele Mesmo é a Fidelidade** do homem a Deus, porque só n'Ele e por Ele, o homem pode ser fiel.

**Ele é o Josué do Novo Testamento** que leva o homem do exílio do pecado à terra prometida da posse de Deus.

É o caminho do povo de Deus.

É o Restaurador da natureza decaída, para a renovar e restituir a Deus.

E toda a Sua Acção se realiza no plano de cada homem como no plano universal. É o Messias de cada alma antes do Baptismo; é o Josué, pela graça que dá à alma.

E, no plano universal, continua-Se pela Igreja, também povo de Deus, depositária duma Aliança, da mensagem da Aliança Viva.

O Mistério da Encarnação e da Redenção, da cidade de Deus presente no mundo e no coração de cada homem, foram pressentidos no Antigo Testamento. Mas só, em Cristo, os véus se rasgaram; só n'Ele se revelou em plenitude o plano de Deus a respeito do mundo e do homem. N'Ele, foram recapituladas todas as coisas, as do Céu e as da terra, as do Velho e as do Novo Testamento.

Ele é Deus no mundo.

Por isso, o Novo Testamento contém, em realidade e em posse o que nos Livros Antigos era figura, prenúncio e esperança.

M. L. G.



## Fundação Cuidar o Futuro

PAUL CLAUDEL

(Continuação da pág. 21)

Do ponto de vista puramente estilístico, uma análise dos textos claudelianos deixa-nos frequentemente a sensação de engorgitamento verbal em desarmonia com a nobreza simples dos temas; outras vezes, e inesperadamente, à linguagem enfática pela qual se exprimem as personagens, misturam-se certas trivialidades deslocadas na ambiência geral que impedem Claudel de ser um verdadeiro mestre da língua. — Mas a profunda musicalidade das palavras, a beleza plástica que elas evocam, e, acima de tudo, a solicitação para objectivos mais elevados do que a mera submissão à realidade da gramática ou do estilo, dão-lhe o direito a ser considerado, e sem indulgência excessiva, como um dos grandes nomes do Pensamento actual.

M. I. M. S.

# NARCO-ANÁLISE E A LIBERDADE

Ainda que algumas não saibam perfeitamente em que consiste, quais os seus efeitos e se é ou não legítimo o emprego da narco-análise, quase todas aprenderam este nome ao seguirem o processo e o julgamento do Cardeal Mindszenty, — e depois dele, de tantos mártires do Cristianismo sagrados pelo sacramento maravilhoso da Dor e do Sofrimento.

Em que consiste?... na administração, por via endovenosa, de um barbitúrico (pentotal, evipan, etc.) sob a acção do qual a pessoa cai num estado crepuscular, de embriaguês barbitúrica.

Os seus efeitos?... a perda do auto-domínio, do controle consciente de si mesmo, conservando, porém, a faculdade de falar e de responder às perguntas que lhe fazem, sendo esta extroversão semelhante à que se obtém após um demorado tratamento psico-analítico no estado normal.

Legítimo o seu emprego?... o problema da legitimidade é todo um problema deontológico posto à consciência dos médicos e juristas de todos os países e à volta do qual se erguem as mais aceras controvérsias.

Encontra defensores que argumentem ser vergonhoso comparar a exploração médica do psiquismo com as torturas da Gestapo, visto que a narco-análise não é um meio de obrigar a falar, mas sim, um meio de valorar, mediante uma exploração adequada, qual é a percentagem de verdade nesse depoimento. Afirman também que o narco-interrogatório ainda que resulte numa confissão, não conduz necessariamente à condenação, mas permite conhecer certos factos decisivos sobre as circunstâncias do delito e do seu autor, fornecendo dados que concorrem para julgar com mais humanidade e que podem ser perfeitamente favoráveis ao acusado, já que não se trata de arrancar uma confissão, mas, simplesmente, de esclarecer uma situação.

Como reverso da medalha, dizem outros:

— Há no mais íntimo da alma humana um santuário, um templo de Deus onde só Deus pode penetrar. Violá-lo é destruir e amesquinhar a mais bela obra do Senhor.

— É uma tortura indigna, tortura que anula o controle da consciência e priva o homem do seu livre arbítrio:

— É uma ameaça que põe em perigo a nossa civilização e deixa entrever a desolação, o temor, a incerteza perante esta invasão descarada nas consciências que traz a perturbação à vida espiritual, a insegurança de que amanhã não sejamos instrumentos da nossa própria condenação.

— Repugna a intervenção de tais métodos que tirem ao acusado toda a possibilidade de defesa.

E, de ordem mais positiva, aduzem-se ainda estas razões: a eliminação do controle e da inibição consciente é mesmo em narco-análise um tanto relativa e é de excluir que possa constituir um meio de extorquir a uma pessoa, contra a sua vontade, confissões que possam lesar os seus interesses fundamentais. Quando apreciada pelo lado da contribuição que pode dar à criminologia, é preciso levar em linha de conta que as declarações ou revelações que se obtêm não são sempre conformes com a verdade. É certo que a tendência actual das legislações positivas no campo das investigações judiciárias é a de dar toda a importância aos dados fornecidos pelos peritos através de provas físicas, químicas, mecânicas, toxicológicas, antropológicas, psíquicas, psicopatológicas, na ânsia de dar maior amplitude e certeza à acção da justiça e de reprimir a onda avassaladora de crimes... mas, se ao «cientificar» a verdade se envenena a Justiça, se o emprego de certos métodos põe em jogo a integridade da liberdade e da consciência humana, uma justa hierarquia de valores, um ideal redentor de Justiça e de Caridade... então, o problema fica como equação trágica, como incógnita angustiada, que das consciências cristãs exige solução.

À face das instituições e princípios do Direito português, a narco-análise é um método ilegítimo de investigação judiciária. Com efeito, o direito de defesa concedido aos acusados tanto assegura a defesa pela palavra — proclamando a verdade ou mentindo —, como pelo silêncio. Sendo assim, o narco-interrogatório é uma violação incompatível com esta faculdade.

O direito ao silêncio assenta na ideia moral — que informa todas as legislações modernas — de que ninguém é obrigado a denunciar a sua falta.

Lembrei-nos de que Jesus, quando compareceu, como réu de morte, perante os seus juizes, nada disse; só o seu Silêncio ficou a pairar como mensagem eterna de Tristeza e de Perdão.

5. Mateus (XXVI - 62) conta: «E levantando-se o príncipe dos sacerdotes, disse-lhe: Não respondes nada ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, manteve-se calado».

A. F.



*«Il n'y a qu'une chose de nécessaire, c'est les gens à qui nous sommes nécessaires.»*

*Paul Claudel em «LE SOULIER DE SATIN»*

# ECOS DA VIDA DA J. U. C. F.

Integrando-se no vasto plano de comemorações que em todo o mundo católico se realizam em honra de Nossa Senhora, resolveu a Direcção Geral organizar, de colaboração com todas as jucistas, um certame Mariano.

Pretende-se assim afirmar uma presença Marial na vida universitária e oferecer às jucistas uma oportunidade para honrar Nossa Senhora. O certame reunirá trabalhos de várias modalidades para que toda a gente possa participar.

Assim compreenderá:

1.º — **Ensaio sobre Nossa Senhora** (Pontos de doutrina, Mistérios de Nossa Senhora, Nossa Senhora no Antigo Testamento, etc.)

O original não deverá exceder seis páginas de papel de máquina, dactilografadas a dois espaços.

2.º — **Poesia lírica.**

O original não deverá exceder duas páginas de papel de máquina, dactilografadas a dois espaços.

3.º — **Quadras sobre motivos marianos.**

4.º — **Conto.**

O original não deverá ultrapassar quatro páginas de papel de máquina dactilografadas a dois espaços.

5.º — **Estudo artístico sobre Nossa Senhora** (aguarela, carvão, barro, gesso, etc.)

Podem ainda as jucistas participar no certame:

a) Apresentando fotografias artísticas de imagens de Nossa Senhora, esquecidas pelas Sacristias e Capelas de aldeia...

b) Recolhendo orações e poesias compostas pelo povo em honra de Maria.

c) Recolhendo contos, tradições, lendas populares que foquem Nossa Senhora.

d) Elaborando uma pequena antologia com trechos de poetas e prosadores portugueses que cantaram Maria.

e) Coleccionando medalhas antigas que representem Nossa Senhora.

f) Reunindo várias fotografias de imagens de Nossa Senhora, alinhadas segundo as seguintes rúbricas: **Virgem Orante; Virgem Dolorosa; Virgem Gloriosa; Virgem e Menino.**

Estas séries de fotografias darão uma ideia de como os nossos artistas representaram a vida de Maria.

Os trabalhos escritos devem ser assinados com pseudónimo. Num segundo envelope deve vir o pseudónimo acompanhado do nome com-

pleto da concorrente. Todos os trabalhos devem ser entregues na Direcção Geral, até 25 de Outubro de 1954.

A exposição das obras apresentadas será feita antes do encerramento do Ano Mariano, em data ainda a fixar.

Foram estabelecidos três prémios sendo o primeiro uma artística imagem de Nossa Senhora e os outros dois, duas obras literárias célebres, sobre Nossa Senhora.

Tal é, em linhas gerais, o projecto que a Direcção Geral elaborou em ordem ao grande Certame Mariano.

Ao lançar esta iniciativa tem a certeza de que vais responder com entusiasmo, procurando obter dados durante as férias... É uma capela abandonada ou não, que vais visitar e rebuscar... É uma velhinha do povo que vais ouvir, para saberes como a gente antiga rezava a Nossa Senhora...

Abre-se à tua frente um campo imenso de sugestões. Torna-as tuas, aquece-as no coração, traz o teu contributo ao certame. Há tanta coisa esquecida, tanta tradição desconhecida... Sabe ver, sabe ouvir, sabe procurar, para que a iconografia Marial se enriqueça e o mistério de Nossa Senhora seja mais celebrado.

Dá sugestões, pede esclarecimentos e começa já, nas horas livres, a sonhar com o certame que só será grande na medida em que nele puseses a alma toda, na medida em que o tornares oração...

**Uma Dirigente Geral**

### **Dizem de Lisboa**

...Que, no dia catorze de Fevereiro do ano da graça de 1954 oitenta e seis aspirantes receberam emblema. Isto quer dizer que, terminado um exigente curso de preparação, oitenta e seis raparigas deram um passo em frente, na sua vida de católicas universitárias.

Aconteceu tudo isto numa manhã cinzenta, com chuva miudinha a brincar nas ruas.

Mas cinzenta só era a manhã, porque nas almas havia sol, de certezas e promessas.

Oitenta e seis raparigas disseram sim ao apelo da Hierarquia e entraram firmemente na grande luta por uma Universidade Nova.

Disseram sim às responsabilidades...

Disseram sim às exigências...

Disseram sim e a Universidade... ficou melhor...

Allô, Allô, Porto: esperamos notícias, novidades frescas. Cursos, Retiros e... tudo o mais que se há-de ver.

Coimbra, está? Vaj responder. Esperamos notícias no «foguetete»...



# CHEMIN DE CROIX

## TROISIÈME STATION

*En marche! Victime et bourreaux à la fois, tout s'ébranle vers le Calvaire  
Dieu qu'on tire par le cou tout à coup chancelle et tombe à terre.*

*Qu'en dites-vous, Seigneur, de cette première chute?*

*Et puisque, maintenant, vous savez, qu'en pensez-vous? cette minute.*

*Où l'on tombe et où le faix mal chargé vous précipite!*

*Comment la trouvez-vous, cette terre que vous fîtes?*

*Ah! ce n'est pas la route du bien seulement qui est raboteuse.*

*Celle du mal, elle aussi, est perfide et vertigineuse!*

*Il n'est pas que d'y aller tout droit, il faut s'instruire pierre à pierre.*

*Et le pied y manque souvent, alors que le coeur persévère.*

*Ah Seigneur, par ces genoux sacrés, ces deux genoux qui vous ont fait faute*  
[à la fois,

*Par le haut-le-coeur soudain et la chute à l'entrée de l'horrible voie,*

*Par l'embûche qui a réussi, par la terre que vous avez apprise,*

*Sauvez-nous du premier péché que l'on commet par surprise!*

## QUATRIÈME STATION

*O mères, qui avez vu mourir le premier et l'unique enfant.*

*Rappelez-vous cette nuit, la dernière, auprès du petit être gémissant,*

*L'eau qu'on essayé de faire boire, la glace, le thermomètre,*

*Et la mort qui vient peu à peu et qu'on ne peut plus méconnaître.*

*Mettez-lui ses pauvres souliers, changez-le de linge et de brassière.*

*Quelqu'un vient qui va me le prendre et le mettre dans la terre.*

*Adieu, mon bon petit enfant! adieu, ô chair de ma chair!*

*La quatrième station est Marie qui a tout accepté.*

*Voici au coin de la rue qui attend le Trésor de toute Pauvreté.*

*Ses yeux n'ont point de pleurs, sa bouche n'a point de salive.*

*Elle ne dit pas un mot et regarde Jésus qui arrive.*

*Elle accepte. Elle accepte encore une fois. Le cri*

*Est sévèrement réprimé dans le coeur fort et strict.*

*Elle ne dit pas un mot et regarde Jésus-Christ.*

*La Mère regarde son Fils, l'Église son Rédempteur,  
Son âme violemment va vers lui comme le cri du soldat qui meurt!  
Elle se tient debout devant Dieu et lui offre son âme à lire.  
Il n'y a rien dans son cœur qui refuse ou qui retire,  
Pas une fibre em son cœur transpercé qui n'accepte et ne consente.  
Et comme Dieu lui-même qui est là, elle est présente.  
Elle accepte et regarde ce Fils qu'elle a conçu dans son sein.  
Elle ne dit pas un mot et regarde le Saint des Saints.*

PAUL CLAUDEL

## Fundação Cuidar o Futuro

**Queres intensificar a tua vida de oração?**

**Queres aprender a rezar?**

**Então, lê:**

**Initiation à la prière — Romano Guardini.**

**Vie intérieure — Ch. Jacques Leclercq.**

# AS LÁGRIMAS DE MARIA

*As lágrimas da Mãe das Dores enchem a Escritura e inundam todos os séculos. Todas as mães, todas as viúvas, todas as virgens que choram não acrescentam nada a esta efusão superabundante, que bastaria para lavar as almas de dez mil mundos desesperados.*

*Todos os feridos, todos os nus e todos os oprimidos, toda esta procissão dolorosa que enche os atrezoze caminhos da vida estão à vontade nas dobras do manto azul de Nossa Senhora das Sete-Dores. É ela mesmo que chora, todas as vezes que alguém rebenta em pranto no meio da multidão ou do silêncio, porque todas as lágrimas lhe pertencem na sua qualidade de Imperatriz da Beatitude e do Amor. As lágrimas de Maria são o próprio Sangue de Jesus Cristo, espalhado duma outra maneira, como a sua compaixão foi uma espécie de crucifixão interior pela Humanidade Santa de seu Filho. As lágrimas de Maria e o Sangue de Jesus são a dupla efusão dum mesmo coração e pode dizer-se que a compaixão da Santíssima Virgem era a Paixão sob a sua forma mais terrível.*

LION BLOY



## PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.  
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Composto e impresso nas Oficinas de S. José  
C. R. T. (Associação Artes Gráficas) PREÇO 2000